

Reforma Agrária: A Terra de Todos Para Todos¹

Suelen LORIANNY²

Aline REIS³

Elza Oliveira FILHA⁴

Universidade Positivo, Curitiba, PR

RESUMO

A questão da reforma agrária é posta, por diversas vezes, de maneira deturpada na grande mídia. Nesse sentido, buscamos, por meio desta reportagem, mostrar o outro lado da questão, trazendo como personagens homens e mulheres trabalhadores e trabalhadoras rurais que não têm terra e lutam para conseguir manter-se e sobreviver no campo. A vivência jornalística possibilitou conhecimento íntimo do cotidiano dos militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) desde a fase da ocupação, enquanto vivem em barracas improvisadas de lona, até a reforma agrária efetiva, num assentamento. Ambas as vivências aconteceram no Estado do Paraná, um dos maiores produtores rurais do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: MST; reportagem; reforma agrária; jornal.

1 INTRODUÇÃO

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é quase sempre retratado de forma negativa nas matérias e reportagens veiculadas nos meios de comunicação. Procuramos, por meio da reportagem especial, contrapor o senso comum e mostrar a atividade do movimento social como positiva para a conquista de direitos inerentes à subexistência e à construção de um futuro digno e cidadão.

Para dar mais veracidade e credibilidade à reportagem, vivenciamos de perto a realidade do MST, tanto na fase da ocupação do latifúndio, até a efetivação do processo de reforma agrária. Além disso, usufruímos da técnica de entrevista, recurso essencial à atividade jornalística.

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Produção em jornalismo informativo, modalidade reportagem.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: sulorianny@gmail.com.

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: sccpaline@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, email: elza@up.com.br.

2 OBJETIVO

O anseio da reportagem é demonstrar a realidade de fato dos trabalhadores e trabalhadoras rurais do MST: a vida, os hábitos de trabalho, a cultura e a visão do cultivo da terra, já que, segundo militantes, “nos nossos assentamentos, acampamentos e comunidades as famílias vêm procurando recuperar esta dimensão da agricultura camponesa” (JORNADA DE AGROECOLOGIA, 2006, p. 29).

Por meio da reportagem, vislumbramos aguçar no leitor, na leitora, a curiosidade em conhecer mais profundamente o cotidiano dos homens e mulheres do MST, bem como despertar a consciência dialética para absorver de maneira mais concreta o que a grande mídia produz e envia ao receptor. Para isso, usamos, além da entrevista, a vivência do dia a dia do acampamento (ocupação) e do assentamento (terra de reforma agrária) durante uma semana, e a partir de disso, com relatos envolventes, buscamos despertar o pensamento crítico.

Dentro da grande mídia existe a pré-disposição de distorcer a imagem dos movimentos sociais organizados. Conforme explica Perseu Abramo:

Recriando a realidade à sua maneira e de acordo com os seus interesses político-partidários, os órgãos de comunicação aprisionam os seus leitores nesse círculo de ferro da realidade irreal, e sobre eles exercem todo o seu poder (ABRAMO, 1998, p. 36).

Nesse sentido, desenvolvemos uma reportagem que busca desmistificar o conceito de que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra age com o intuito de anarquia dentro da sociedade.

3 JUSTIFICATIVA

A questão agrária no Brasil é antes histórica do que econômica. O papel da mídia, nesse sentido, pode ser feito de forma a perpetuar, esclarecer ou atenuar desigualdades. Foi nos motivadora, assim, a vontade de compreender e mostrar outro viés sobre os movimentos sociais do campo, especificamente o MST. Trouxemos na reportagem a questão da propriedade privada, a relação de produção e a desigualdade social, com base em Karl Marx.

Segundo Marx, as relações de produção são as formas como os seres humanos desenvolvem suas relações de trabalho e distribuição no processo de produção e reprodução da vida material. Nas sociedades de classes, as relações de propriedade são expressões

jurídicas das relações de produção. Assim, as relações de produção ocorrem entre classes sociais, proprietários e não-proprietários, conseqüentemente, originando hierarquia e desigualdade.

Desde há dezenas de anos, a história da indústria e do comércio não é mais do que a história das forças produtivas modernas contra as atuais relações de produção, contra as relações de produção que condicionam a existência da burguesia e a sua dominação (MARX, 1872, p.25).

Ainda segundo o autor, a classe dominante suprime cada vez mais o fracionamento dos meios de produção, da propriedade e da população. Aglomerou a população, centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade num pequeno número de mãos. Daí a necessidade de se reivindicar a Reforma Agrária.

Não é pretensão desta reportagem esgotar os debates acerca da problemática da reforma agrária, mas sim fomentar sua discussão, diferentemente do que é posto na grande mídia. Dessa maneira, recorreremos aos estudos do professor Florestan Fernandes para classificar o MST como movimento de resistência e consciência política diferenciado dos demais na sociedade brasileira.

A nossa situação histórica continental e nacional é rica em experiência frustradas, de omissões de sindicatos e partidos operários, de ausência de identidade proletária e verdadeiramente socialista ou comunista, de sacrifícios que deságuam em composições dóceis como os donos do poder, na colaboração de classes e no “populismo” e, aqui e ali, eclosões que desembocam no extremismo político compensatório e suicida, que confunde revolução social com grandeza, autoimolação e desespero (FERNANDES, 2009, p.45).

Ademais, apesar das críticas recorrentes feitas pela mídia a respeito de esquemas corruptores e outros desvios de conduta dos governantes, existe uma tendência em esconder que, embora a economia vá bem (apesar dos delitos supracitados), a concentração de renda continua.

Mas se o Brasil hoje é a sétima economia do mundo, caminhando para ocupar posições ainda melhores no futuro próximo, a pobreza de grande parte de sua população só se explica pela desigualdade na apropriação da riqueza e da renda, por políticas públicas de concentração da renda e da riqueza. Os 10% mais ricos detêm 75% da renda e da riqueza nacionais (LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL, 2011, p. 3).

Fato consumado que esta desigualdade faz parte da lógica do capital: “A concentração do capital é inerente ao modo de produção capitalista, porque toda empresa procura crescer, absorvendo outras” (SOUZA, 2009, p. 32).

Procuramos, por meio do trabalho de reportagem, embasadas nas definições de valores-notícia definidos por Fraser Bond, mencionados por Gislaíne Silva, alocar o jornalismo como mecanismo de modificação da realidade campesina.

O autor enumera doze situações a que denomina valores jornalísticos das notícias, e que podem ser assim resumidas: referentes à pessoa de destaque ou personagem público (proeminência); incomum (raridade), referente ao governo (interesse nacional); que afeta o bolso (interesse pessoal/econômico), injustiça que provoca indignação (injustiça) (...) (SILVA, 2005).

Encaixamos a nossa reportagem no critério de injustiça que provoca indignação, subsidiadas pelos dados de que “Cerca da metade da população mundial, ou seja, três bilhões de pessoas, é composta de camponeses ou indígenas que preservam as formas de produção não capitalistas” (MONDRAGÓN, 2008, p. 73). De acordo com estudos realizados pelo próprio MST, “A terra continua concentrada no latifúndio e continuam a existir famílias sem terra” (JORNADA DE AGROECOLOGIA, 2006, p. 26).

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

4.1 Reportagem Especial

O jornalismo é uma forma de se comunicar em sociedade. E a reportagem é uma ferramenta do jornalismo para facilitar e diversificar essa comunicação. A reportagem deve demonstrar capacidade intelectual, criatividade, sensibilidade quanto aos fatos e uma escrita coerente, que dinamiza a leitura e a torna fluente. Ao produzir uma reportagem especial, é necessário realizar investigações, tecer comentários, levantar questões, discutir e argumentar.

Ao encontrar determinado assunto a ser tratado, o jornalista deve ler e estudar sobre ele. Uma reportagem especial não é realizada em uma ou duas horas, muitas vezes exige dias e meses do profissional. Não se constrói dentro da redação, trancado em uma sala.

Jornalismo, por isso, só vale a pena pela sensação de se poder ser testemunha ocular da história de seu tempo. E a história ocorre sempre na

rua, nunca numa redação de jornal. É claro que estou tomando “rua” num sentido bem amplo. Rua pode ser a rua propriamente dita, mas pode ser também um estádio de futebol, a favela da Rocinha, o palanque de um comício, o gabinete de uma autoridade, as selvas de El Salvador, os campos petrolíferos do Oriente Médio. Só não pode ser a redação de um jornal (DIMENSTEIN, KOTSCHO, 1990, p. 9).

Os autores afirmam que a reportagem aprofundada pode ser algo, ao mesmo tempo, difícil e fácil de produzir. Fácil porque, no fundo, a reportagem é somente uma forma de contar histórias. Mas se torna difícil porque o jornalista persegue a verdade, quase sempre inatingível ou inexistente, ou tão repleta de rostos diferentes que se corre permanentemente o risco de não conseguir captá-los todos e passá-los todos ao leitor.

Por isso, utilizamos da reportagem especial para transcrever a vivência com movimento social, mais específico com o Movimento Sem-Terra no Paraná. Ao praticarmos uma pesquisa a campo e entrevistas longas e detalhadas, tentamos encontrar um ponto de equilíbrio para que a matéria não fosse tendenciosa e pudesse levar o leitor à realidade do movimento campestre. A tentativa de tornar a Reforma Agrária uma questão próxima de todos os leitores também se faz importante através da reportagem especial.

Uma característica da reportagem é a utilização do texto descritivo e dissertativo. Segundo Oswaldo Coimbra, em seu livro *O Texto na Reportagem Impressa*, é possível que um texto pertença a uma matriz dissertativa, mas contenha partes de outras matrizes – no caso, descritiva. Para classificar a qual gênero pertence determinado texto, “é preciso captar um certo número de constantes. Essas constantes é que permitirão classificar um texto como pertencente a um gênero ou a outro” (COIMBRA, 1993, p.11).

4.2 Técnicas de Entrevista

Para produzir uma reportagem aprofundada, muitas entrevistas são realizadas e alguns métodos precisam ser utilizados para tornar o processo eficaz. Com isso, as autoras da reportagem tomaram como essenciais algumas técnicas, destacando o aspecto de “imersão”. Nas histórias de vida, antes de mais nada, é preciso conquistar a simpatia do entrevistado. E isso não se faz com meias-verdades, com mentiras, falsa identidade, câmeras ocultas ou qualquer método escuso. Uma vez conquistada a simpatia do entrevistado, é necessário passar a conviver com o ele em seu próprio ambiente.

Para Pedro Celso Campos, o jornalista não deve somente ouvir, ele precisa ir além.

Não basta prestar atenção, é preciso “entrar” na história, pensar junto com o entrevistado, “copiar” o seu voo, como se diz no jargão da aviação quando o piloto precisa repetir, em voo, as manobras do colega ou da equipe, como faz a Esquadrilha da Fumaça. A segurança da manobra depende literalmente dessa capacidade de interação do piloto com o grupo, numa fusão quase perfeita entre homem e máquina [...] (CAMPOS, 2009, p. 13).

Na decisão de descrever da maneira mais próxima da realidade e diante dos depoimentos intensos, a reportagem utilizou do método de entrevista e vivência. Para Cremilda Medina (2004), a relação humaniza no ato da entrevista jornalística. A autora afirma que a inter-relação verdadeira ocorre quando o entrevistador e o entrevistado são modificados pelo contato que tiveram e se estabelece um vínculo EU-TU, suplantado o limite estanque formatado na redação.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Enquanto jornalistas, encontramos a necessidade de ir a campo e buscar aproximação entre fonte e repórter para posteriormente aproximar o público deste recorte da realidade. Infelizmente, quando se refere ao MST, a tendência do senso comum é taxar os integrantes do movimento como baderneiros e vagais. Assim, quando usamos a técnica da imersão na reportagem, tínhamos a pretensão de mostrar outra faceta do Movimento Sem Terra, destrinchando, vivendo toda a realidade campestre.

A semente para o surgimento do MST talvez já estivesse lançada quando os primeiros indígenas levantaram-se contra a mercantilização e apropriação pelos invasores portugueses do que era comum e coletivo: a terra, bem da natureza. Como imaginar o Movimento Sem Terra hoje, sem o exemplo de Sepé Tiarajú e da comunidade Guarani em defesa de sua terra sem Males? Ou da resistência coletiva dos quilombos ou de Canudos? Da indignação organizada do Contestado? Como imaginar nosso movimento sem o aprendizado e a experiência das Ligas Camponesas ou do Movimento de Agricultores Sem Terra - Master. Por tudo isso, nos sentimos herdeiros e continuadores de suas lutas.⁴

A cultura escrita perpetua a história que se perderia em cultura oral, dessa maneira, registramos as impressões dos militantes enquanto atores sociais e personagens da notícia, já que o jornalismo precisa humanizar a história para aproximá-la da realidade dos leitores.

⁴ < <http://www.mst.org.br/node/7702>>. Acesso em 17/04/2012.

No jornalismo, não há fibrose. O tecido atingido pela calúnia não se regenera. As feridas abertas pela difamação não cicatrizam. A retratação nunca tem o mesmo espaço das acusações. E mesmo que tivesse, a credibilidade do injustiçado não seria restituída, pois a mentira fica marcada no imaginário popular. Quem tem a imagem pública manchada pela mídia não consegue recuperá-la. Está condenado ao ostracismo. (MST, s/d)⁵.

Para cumprir o objetivo, as autoras vivenciaram o dia a dia de trabalhadores rurais. Aline Reis passou oito dias no Acampamento Manoel Jacinto Correia, em Florestópolis, no interior do Paraná, e Suelen Lorianny, no mesmo período, viveu na Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória (COPAVI), em Paranacity, extremo Noroeste do Estado. Ambos, espaços vinculados organicamente ao MST e com famílias ativas no campo. Além das entrevistas feitas, também foram tiradas fotos e realizadas algumas filmagens para registro.

A partir dessas vivências, cada repórter produziu um texto de perfil da sua área contando como foi trabalhar com os militantes, apresentando a história do local e descrevendo suas peculiaridades. Mas para introduzir estes perfis jornalísticos, foi elaborado um texto de abertura sobre a Reforma Agrária, trazendo ao leitor e à leitora uma noção da conjuntura atual do sistema no país.

A reportagem ocupa duas páginas do jornal em formato tabloide, com aproximadamente 12 mil caracteres. A diagramação e fotos também são produção das autoras.

⁵ < <http://www.felipepena.com/artigos/fibrose.htm>>. Acesso em 15/04/2012

6. CONSIDERAÇÕES

Conhecer a realidade, e por meio da vivência, exercer movimento antagônico ao da grande mídia. Esse foi o intuito desta reportagem de imersão no cotidiano do movimento social do campo. Na vida campesina foi-nos possível conhecer a fundo nossas personagens, bem como dar mais veracidade ao relato jornalístico primando pela qualidade do material recebido pelo leitor e pela leitora.

Este foi um processo jornalístico que aguçou em nós, além da técnica aprendida nos bancos acadêmicos, o feeling em reconhecer o que deveria ou não entrar na agenda jornalística. Outra função deste trabalho foi aproveitar o espaço laboratorial da universidade para fomentar questionamentos acerca da necessidade da reforma agrária, a atuação do MST e, além disso, a imersão enquanto proposta jornalística necessária para elaboração de matérias e reportagens.

Mesmo em ambiente acadêmico, percebemos que a inserção de temáticas trabalhistas nos veículos-laboratórios ainda era pequena, e assim, com essa reportagem, tentamos mostrar outra face da moeda. Sabendo disso usamos a função social do jornalismo quanto agente de transformação social.

Ademais, experiências como esta, raramente são encaradas pelos e pelas estudantes, seja por limitações de tempo, seja por medo ou desconhecimento, assim, neste ano-letivo do nosso jornal-laboratório, entendemos que essa reportagem além de enriquecer-nos enquanto futuras jornalistas, também acrescentou algo na formação acadêmica dos nossos e nossas colegas de curso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, P. **Padrões de Manipulação na Grande Imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1988.

CAMPOS, P. C. **Gêneros do Jornalismo e Técnicas de Entrevista**. Biblioteca online de Ciências da Comunicação, 2009. < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/campos-pedro-generos-do-jornalismo.pdf> >. Acessado em 15/04/2012.

COIMBRA, O. **O Texto na Reportagem Impressa**. São Paulo: Ática, 1993.

DIMENSTEIN, G. KOTSCHO, R. **A Aventura da Reportagem**. São Paulo: Summus Editorial, 1990.

FERNANDES, F. **Nós e o Marxismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

JORNADAS DE AGROECOLOGIA. **A Organização Camponesa Reconstruindo o Sustento da Vida e a Transformação da Sociedade**. 5º Encontro Estadual, Cascavel, 2006.

LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. **Número 53**. Ano 5, 2011.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MEDINA, C. A. **Entrevista. O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2004.

MONDRAGON, Hector. **A estratégia do império – tudo para o capital transnacional** - tradução Fernando Padovani, Integra Mais , 2ª ed., Rio de Janeiro: Coscoroba, 2008.

MOVIMENTO SEM TERRA. **Nossa História**. <<http://www.mst.org.br/node/7702>>. Acessado em 13/04/2012.

PENA, F. **No jornalismo não há fibrose: a ruína das fontes, o denunciamento e a opinião pública**. <<http://www.felipepena.com/artigos/fibrose.htm>>. Acessado em 16/04/2012.

SOUZA, N. J. **Economia Básica**. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

SILVA, G. **Valores-notícia: atributos do acontecimento**. Para pensar critérios de noticiabilidade I. 2005. Disponível em < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0797-1.pdf> >. Acesso em 16/04/2012.)